

TRAJETÓRIA PSICANALÍTICA SOBRE “CIÚME” A PARTIR DO COMPLEXO DE ÉDIPO

PSYCHOANALYTIC TRAJECTORY ABOUT JEALOUSY FROM THE OEDIPUS
COMPLEX

Ciúme: normal ou patológico?

Cleiton José da Silva ¹

Adriane Wollmann ²

RESUMO

O tema ciúme desperta curiosidade e interesse em algumas pessoas. Na teoria freudiana, aparece pela primeira vez em uma carta para Fliess, no Rascunho H (1895). Contudo, na sociedade contemporânea o ciúme é um sentimento que se faz cada vez mais presente nos relacionamentos amorosos e, em alguns casos, traz sofrimento físico e psicológico não só à pessoa que sente, mas também ao seu objeto de amor. Pretende também apresentar o surgimento do ciúme a partir das marcas resultantes do Complexo de Édipo e da relação da mãe com o bebê, através de uma revisão dos mecanismos inconscientes presentes no ciúme, bem como os graus de ciúmes encontrados na teoria psicanalítica. Para tanto, serão utilizados conceitos freudianos, entre eles os Complexos de Édipo e de Castração e as escolhas do objeto amoroso. Serão abordadas também as marcas de rivalidade e disputa imaginária do objeto de amor objetual e narcísica na vida dos sujeitos. Uma vez que as marcas inconscientes trazidas e recalçadas pelo sujeito durante a infância irão determinar a forma de se relacionar com o objeto amoroso, então tais marcas podem ser vivenciadas em outros momentos ao longo da vida, fazendo parte de outras cenas inconscientes.

DESCRITORES: Ciúme, Escolha Objetual, Psicanálise, Complexo de Édipo

ABSTRACT

The topic can arouse curiosity and interest in some people. In Freudian theory, it appears for the first time in a letter to Fliess, in Draft H (1895). However, in contemporary society or film it is a feeling that is increasingly present in love affairs and, in some cases, brings physical and psychological suffering not only to people who feel it, but also to their object of love. It also intends to present or perform a brand exam based on the Oedipus Complex and Mother-to-Baby Relationship test marks, through a review of unconscious mechanisms present in the film, as well as the degrees of research found in psychoanalytic theory. For that, Freudian concepts will be used, among them the Oedipus and Castration Complexes and the options of the loving object. They will also be approached as marks of rivalry and imaginary dispute of the object of objective and narcissistic love in the lives of individuals. Since the unconscious marks bring and repress by the individual during childhood, they can be affected by the loving relationship, so these marks can be experienced at other times throughout life, being part of other unconscious scenes.

DESCRIPTORS: Jealousy, Object Choice, Psychoanalysis, Oedipus Complex

¹ Autor, Psicólogo pelo Centro Universitário Autônomo do Brasil (2016), Residente em Atenção Hospitalar em Urgência e Emergência do Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Paraná (2020). E-mail: psicologo_cleiton@hotmail.com.

² Orientadora, Psicóloga pela Universidade Tuiuti do Paraná (1996), especialista em Saúde Mental, Psicopatologia e Psicanálise pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2006), Mestre em Políticas Públicas da UFPR com ênfase em Saúde Coletiva (2018).

INTRODUÇÃO

Entendido pelo senso comum como necessário nos relacionamentos amorosos, o ciúme na maioria das vezes é considerado como indispensável, pois “faz parte do amor”, “quem ama confia”, “quando a gente ama é claro que a gente cuida”, entre outras formas de manifestações no discurso dos sujeitos, ainda que por vezes seja entendido como demonstração de “insegurança” ou “baixa autoestima”. Uma vez que o ciúme é considerado “natural” nos relacionamentos amorosos, o presente trabalho pretende entender o ciúme pelo viés da teoria psicanalítica freudiana e seus respectivos graus apontados por Freud no trabalho analítico.

Com intuito de organizar a investigação a ser desenvolvida propõe-se como objetivo geral, analisar a origem e os mecanismos neuróticos no ciúme a partir da teoria Freudiana.

O presente trabalho se justifica pelos prejuízos que o ciúme pode trazer aos relacionamentos amorosos e também à pessoa que o sente, pois este se manifesta quando o parceiro não se sente conectado com seu objeto de amor da maneira que este gostaria ⁽¹⁾. Ou seja, o ciúme se manifesta quando o relacionamento é ameaçado por um terceiro na relação, um rival, e pode envolver sentimentos como o medo, a desconfiança, a angústia, a ansiedade, a raiva, a rejeição, a indignação, o constrangimento e a solidão, dentre outros sentimentos, dependendo de cada sujeito.

Pretende demonstrar que o ciúme tem origem no Complexo de Édipo a partir das primeiras experiências de amor e rivalidade da criança, podendo até se manifestar de forma patológica na vida adulta, trazendo prejuízos psicológicos e físicos.

MÉTODO

Foi realizada uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo. Para tanto, foram utilizados artigos das Obras Completas de Freud, bem como levantamento de artigos científicos em base de dados acadêmicos: Scielo, Pepsic, Google Acadêmico, BVS-Psi (Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia), com os descritores ciúmes, relações familiares, complexo de Édipo, tendo a teoria psicanalítica freudiana como norteadora deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1.1. O Amor segundo a teoria freudiana

O amor se faz presente no cotidiano das pessoas, como uma busca pela plenitude do sujeito desejante. O amor, compreendido rotineiramente, pretende fazer de duas pessoas, uma. Freud ⁽²⁾ afirma que os primeiros objetos de amor das crianças são as pessoas responsáveis pelos cuidados, alimentação e proteção, ou seja, a mãe ou quem quer que a substitua, responsável por proporcionar à criança grande parte das sensações de prazer, saciedade e amparo.

O amor é importante para a constituição psíquica do sujeito, visto que este pode adoecer por consequência de uma insatisfação amorosa: “torna-se neurótico assim que esse objeto é afastado dele, sem que um substituto ocupe seu lugar” ^(3: 249).

Para Freud ⁽²⁾, a relação dos indivíduos com o amor se manifesta de forma diferente para o menino e para a menina. Os meninos amam de forma objetal, ou seja, essa forma de amar acontece com um empobrecimento do ego em relação à libido a favor do objeto amoroso.

O amor objetal completo do tipo de ligação é, propriamente falando, característico do indivíduo do sexo masculino. Ele exibe a acentuada supervalorização sexual que se origina, sem dúvida, do narciso original da criança, correspondendo assim a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual. ^(2: 95)

Como descreve o autor ⁽²⁾, as mulheres amam de uma forma narcísica. Nessa forma de amar e de se relacionar com o objeto é mais importante ser amada do que amar. Nesse sentido, a mulher só é capaz de amar o que ela própria é, o que ela foi, o que gostaria de ser e por último, alguém que foi uma vez parte dela, um filho, e, “rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável a do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas” ^(2: 95).

Destarte, no amor do tipo narcísico, a libido está direcionada para o próprio eu, enquanto na escolha objetal existe um investimento de libido no objeto de amor que representa o ideal narcísico.

Freud ⁽⁴⁾, ao fazer algumas considerações sobre os tipos de escolha de objeto amoroso feita por homens e as condições necessárias ao amor, afirma que são quatro pré-condições: a existência de uma terceira pessoa prejudicada, ou seja, o objeto de amor já deve pertencer a outro homem; a mulher escolhida tem uma má reputação sexual; que o homem valoriza este tipo de mulher; e que o homem apresenta inconscientemente uma ansiedade obsessiva em salvar a mulher escolhida.

Compreende-se assim que é condição para o amor neurótico a depreciação do objeto de amor ou escolha de um objeto proibido. Ainda de acordo com o autor ⁽⁴⁾, este também destaca duas formas de comportamento no amor, uma voltada para a necessidade de fidelidade e outra

para a importância de salvar o objeto de amor da perda do controle moral. Kuss ⁽⁵⁾ aponta que as duas condições acontecem dentro da eleição do objeto familiar e afirma que

Nesse percurso, Freud articula as duas condições para eleição do objeto ao romance familiar. Desse modo, o objeto de amor da puberdade deve ser proibido e ter como consequência uma pessoa prejudicada, que representaria o próprio pai. E, ainda por esta via, a depreciação do objeto ficaria articulada pela promiscuidade da mãe, que teria concedido o privilégio da relação sexual ao pai da criança, e não à criança. ^(5: 51)

Desse modo, entende-se que para a teoria freudiana a escolha do objeto de amor é feita inconscientemente, pois se encontra relacionada aos resíduos do Complexo de Édipo que são constituintes para o sujeito durante a infância.

1.2. O Complexo de Édipo

Freud recorre ao mito Édipo-Rei ⁽⁶⁾ ao falar do amor dos filhos para com os pais durante a infância. O psicanalista se inspira no mito, onde Laio, rei da cidade de Tebas, é casado com Jocasta; ao consultar o oráculo de Delfos, soube que não poderia ter filhos e se esse mandamento fosse desobedecido, seria morto pelo próprio filho, o qual se casaria com a mãe.

De acordo com Sófocles ⁽⁶⁾, o rei de Tebas não acreditou e teve um filho com Jocasta. Depois se arrependeu e abandonou a criança em uma montanha com os tornozelos furados para que morresse. A ferida que ficou no pé do menino deu origem ao nome Édipo, que significa pés inchados. O menino não morreu e foi encontrada por alguns pastores que o levaram a Polibo, cidade vizinha a Tebas governada pelo rei Corinto, o qual o criou como filho legítimo. Já adulto, Édipo foi até o oráculo de Delfos para saber o seu destino. Este disse que seu destino era matar o pai e se casar com sua mãe. Espantado, Édipo deixou Corinto e foi em direção a Tebas. No caminho, encontrou Laio, que pediu para que ele abrisse caminho para passar. Édipo não atendeu ao pedido do rei e lutou com ele até matá-lo.

Sem saber que havia matado o próprio pai, Édipo prosseguiu sua viagem para Tebas. Novamente em seu caminho, deparou-se com uma Esfinge, um monstro metade leão e metade mulher, que atormentava o povo tebano, pois lançava enigmas e devorava quem não os decifrasse. O enigma proposto pela esfinge era o seguinte: Qual é o animal que de manhã tem quatro pés, dois ao meio dia e três à tarde? Édipo responde que era o homem, pois na manhã da vida (infância) engatinha com pés e mãos, ao meio-dia (idade adulta) anda sobre dois pés e à tarde (velhice) precisa das duas pernas e de uma bengala. A Esfinge ficou furiosa por ter seu enigma decifrado e se matou.

O povo de Tebas saudou Édipo como seu novo rei e entregou-lhe Jocasta como esposa. Depois disso, uma violenta peste atingiu a cidade, e Édipo foi consultar o oráculo novamente, que respondeu que a peste não teria fim enquanto o assassino de Laio não fosse punido. Ao longo das investigações, foi elucidada a verdade, Édipo tinha se casado com a mãe e matado o pai. Deparando-se com o fato de que havia se casado com o próprio filho e assassino de Laio, Jocasta se enforca. Édipo, ao encontrar sua esposa morta, retira um alfinete do vestido de Jocasta e fura seus próprios olhos, ficando cego.

Em sua autoanálise, Freud ⁽⁷⁾ afirma que viveu o nascimento de seu irmão (um ano mais novo e morreu alguns meses depois) com desejos de hostilidade e ciúme infantil, e que sua morte lhe deixou sementes de autocensuras. Freud chegou à conclusão de seu amor pela mãe e de seu ciúme pelo pai, passando a considerar a rivalidade com o progenitor do mesmo sexo e o amor com o sexo oposto, como um evento típico natural do início da infância. O Complexo de Édipo é citado pela primeira vez na teoria freudiana em 1897 numa carta de Freud a Fliess, quando Freud abandona a Teoria da Sedução^{3 (7)}.

Para Freud ⁽⁸⁾, o Complexo de Édipo é um fenômeno que acontece durante a infância dos sujeitos, deixando-lhes marcas inconscientes e é a partir deste conflito vivido na infância que, além das escolhas objetais amorosas, o ciúme também pode ser compreendido.

Dessa forma, o Complexo de Édipo é um conjunto de desejos amorosos e hostis, o qual uma criança experimenta em relação aos seus pais. Em sua forma positiva, o complexo é semelhante à história do mito de Édipo, ou seja, desejo da morte do rival, que é a pessoa do mesmo sexo, e desejo sexual pela pessoa do sexo oposto. Em sua forma negativa, apresenta-se de forma inversa, ou seja, raiva pela pessoa do sexo oposto e amor pela pessoa do mesmo sexo ⁽⁹⁾.

O complexo de Édipo ofereceu à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. Ela poderia colocar-se no lugar de seu pai, à maneira masculina, e ter relações com a mãe, como tinha o pai, caso em que cedo teria sentido o último como um estorvo, ou poderia assumir o lugar da mãe e ser amada pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua. ^(8: 198)

O Complexo de Castração foi elaborado como o responsável pela dissolução do Complexo de Édipo ⁽¹⁰⁾. Durante esse período, o menino, ao nutrir sentimentos de amor pela mãe, passa a encará-la como sua propriedade. No entanto um dia, descobre que ela transferiu seu amor para outra pessoa. Já a menina, no período de dissolução do Complexo de Édipo,

³ Uma das primeiras teorias elaboradas por Freud (1897), para tentar explicar as crises histéricas das suas pacientes, quando defendia que a neurose teria origem em um abuso sexual.

pensa que seu pai a ama acima de tudo, mas chega um momento em que é retirada para fora do seu paraíso ingênuo ao constatar que o pai pertence e dirige sentimentos de amor à outra pessoa.

O Complexo de Castração é definido por Freud ⁽⁸⁾ como um período no qual a criança se depararia com a diferença anatômica entre os sexos. O menino, que possui apreço pelo seu órgão genital, o qual lhe dá grande sensação de prazer vivenciado através da manipulação, é repreendido pela mãe que o ameaça caso não pare com tal atividade. Ao visualizar o órgão genital feminino de uma colega ou da sua irmãzinha, o menino entende essa ameaça como real, passando a temer a sua castração e, como maneira de preservar o seu órgão intacto, vira as costas para o Complexo de Édipo.

Já na menina, o Complexo de Castração se dá quando esta, ao visualizar o órgão genital masculino, percebe que se saiu mal por não ter um órgão tão grande e se torna vítima do que Freud denominou como “inveja do pênis”. Freud ⁽⁹⁾ afirma que o ciúme é uma das consequências da inveja do pênis na menina, exercendo papel muito maior na vida psíquica das mulheres, podendo ser considerado mais devastador, decorrente do Complexo de Castração.

No menino, acredita-se que o Complexo de Castração também possui importância para o surgimento do ciúme. Nesse caso, o ciúme estaria relacionado com uma ameaça de perda do objeto amado (pênis), podendo se manifestar no homem como uma agressividade em defesa da sua masculinidade.

1.3. O Ciúme como Resultante do Complexo de Édipo

Para Freud ⁽⁹⁾, o ciúme está relacionado com um acontecimento durante a infância, onde tanto o menino quanto a menina passam pelo Édipo e, durante essa passagem, fica inscrita na vida inconsciente desses sujeitos a forma de amar, rivalizar e de se relacionar com o objeto amoroso. Nesse sentido, o ciúme é um sentimento que tende a envolver um terceiro na relação, um rival, no qual o sujeito projeta que este terceiro terá algo a oferecer ao seu objeto de amor que ele próprio não tem. Essa rivalidade faz aparecer sentimentos de hostilidade direcionados ao objeto amoroso, já que o ser amado pode escolher o outro a qualquer momento, deixando, assim, o sujeito desamparado e vulnerável.

Freud ⁽¹¹⁾ utiliza pela primeira vez a palavra ciúme, quando escreve sobre a paranoia no Rascunho H. Ele irá exemplificar o mecanismo de projeção na paranoia com o fato de que “o alcoólatra jamais admitirá perante si mesmo que se tornou impotente por causa da bebida. Por

mais que consiga tolerar o álcool, não consegue suportar esse conhecimento. Assim, é sua mulher a culpada – delírios de ciúme, e assim por diante”.^(11: 263)

Nesse sentido, o autor⁽¹¹⁾ explica que na paranoia, diante de determinada experiência, o sujeito tende a não aceitar certas características como suas; e por não conseguir tolerar isso, projeta esse afeto para fora, em um objeto ou em outra pessoa. No caso citado, o alcoólatra, não suportando a ideia da sua impotência, projeta a sua frustração na mulher através dos delírios de ciúme. A ideia delirante originada nesses casos é sustentada com a mesma energia com que a outra ideia foi rejeitada.

No artigo dedicado a esclarecer alguns mecanismos neuróticos no ciúme, Freud⁽¹²⁾ inicia afirmando que o ciúme é uma dentre outras formas de emoções que se pode sentir e que este pode ser descrito como normal. Se aparentemente alguém não o possui, revela a interferência de uma severa repressão e, conseqüentemente, desempenha um papel ainda maior em sua vida mental inconsciente, isto é, como se não existissem os não ciumentos. Assim, são descritos três graus de ciúmes que podem ser encontrados no trabalho analítico: ciúme competitivo ou normal, ciúme projetado e ciúme delirante.

1.3.1. Ciúme Competitivo ou Normal

O primeiro grau de ciúme apresentado por Freud⁽¹²⁾ é o ciúme normal, o qual faz parte da constituição subjetiva dos sujeitos, ou seja, possui suas raízes no inconsciente. Nesse caso, o ciúme pode ser entendido como “uma continuação das primeiras manifestações da vida emocional da criança”^(12: 231) que pode ter a sua origem no Complexo de Édipo ou na relação entre irmãos. Esse tipo de ciúme é definido como o sofrimento causado pela simples ideia de perder o objeto de amor e de sentimentos hostis contra o rival, que possua características superiores as do sujeito, podendo resultar em uma maior ou menor autocrítica deste, responsabilizando o rival pela perda sofrida em seu próprio ego.

O autor⁽¹²⁾ aponta que é durante a fase do Complexo de Édipo que o sujeito vivencia sentimentos de amor, rivalidade e solidão. Nesse sentido, pode-se considerar que é a partir das primeiras marcas edípicas que os sujeitos aprendem a se relacionar com o objeto amoroso e transferir a eles as primeiras experiências infantis reais ou imaginárias. Dessa forma, na perspectiva da normalidade postulada por Freud, ninguém escaparia da experiência, assim como ninguém escaparia ao Complexo de Édipo. Postula ainda que em alguns indivíduos, o ciúme pode ser vivenciado de forma bissexual, ou seja, um homem não apenas irá sofrer devido ao amor que sente pela sua mulher e odiará o rival, mas também poderá sentir desejos pelo

homem, a quem ama inconscientemente, e odiar sua mulher, pois irá considerá-la uma rival. Freud ⁽¹²⁾ exemplifica essa situação no caso de homens que, durante as crises de ciúmes, se veem angustiados e atormentados ao imaginar-se na posição da mulher infiel.

Assim, os sujeitos quando adultos, ao estabelecerem uma relação amorosa, tenderão inconscientemente a uma relação baseada nas primeiras experiências e marcas infantis, na qual a simples ideia de separação ou a entrada de uma terceira pessoa na relação amorosa causará ao sujeito angústia.

1.3.2. Ciúme Projetado

O segundo grau de ciúme postulado por Freud ⁽¹²⁾ é o projetado, que resulta da própria infidelidade do sujeito concretizada na vida real. Para obter alívio da consciência, o sujeito enciumado projeta seus próprios impulsos de infidelidade no companheiro a quem deve fidelidade, justificando a si mesmo que seu companheiro não é melhor que ele. Ou seja, o ciúme projetado é derivado da infidelidade concreta e está associado, no sujeito ciumento, com o seu próprio desejo de trair o parceiro, atribuindo ao seu objeto de amor à própria infidelidade ou os próprios impulsos recalçados.

Nesse sentido, o ciúme projetado também é resultante de um processo inconsciente, onde a projeção da infidelidade real do sujeito ou de um desejo de trair foi recalçada. Dessa forma, projeta seus impulsos de infidelidade ao parceiro, buscando um alívio ou um sentimento de inocência consciente de não ter conseguido sustentar a fidelidade exigida no relacionamento pelo seu companheiro.

Freud ⁽¹²⁾ comenta que há uma convenção social que entende que na mulher há um desejo em agradar, e no homem uma tendência à infidelidade e, de certa maneira, tal convenção entende estes como pequenos desvios de infidelidade que não precisam ser considerados e que o desejo provocado pelo novo objeto possa encontrar satisfação no próprio objeto de amor como um retorno à fidelidade. Porém, em indivíduos ciumentos essa convenção não é aceita. Freud ⁽¹²⁾ irá dizer que os ciumentos não acreditam em um retorno à fidelidade e que tal convenção é de fato um caminho para a infidelidade.

O encaminhamento deste tipo de ciumento não deve ser o de contestar a sua crença, mas sim o de induzi-lo a outra avaliação do que ele apresenta como material ⁽¹²⁾. O autor cita a canção de Desdêmona⁴, de Shakespeare ⁽¹³⁾, em que Otelo projeta uma possível infidelidade

⁴ “Chamei meu amor de falso, mas o que disse ele então? Se eu cortejar mais mulheres, deitar-se-ás com mais homens.” (SHAKESPEARE, 1616, p. 168) ⁽¹³⁾.

sua, tendo como consequência uma provável traição de sua esposa. Freud acredita que o tratamento analítico não deve se preocupar em descobrir o fundamento das suspeitas do ciumento, mas fazê-lo perceber o fato de outro ângulo.

1.3.3. Ciúme Delirante

O terceiro e último grau de ciúme apresentado por Freud ⁽¹²⁾ é o delirante, e apareceria como defesa de um impulso homossexual rejeitado pelo sujeito.

Essa camada de ciúme apresenta-se como uma posição homossexual, podendo ser visto como defesa contra uma homossexualidade reprimida. Sua origem mantém relação com o segundo tipo, estando num impulso de infidelidade, só que homossexual. Freud ⁽¹²⁾ explica que o ciúme delirante é como restos de uma homossexualidade que cumpriu o seu curso e que se posiciona entre as formas clássicas da paranoia.

Para o psicanalista ⁽¹²⁾, o ciúme verdadeiramente delirante é o que pertence a este terceiro grau. E tem sua origem em impulsos recalcados⁵ de infidelidade, voltado para um parceiro do mesmo sexo que o sujeito. Usando o homem como exemplo, Freud escreve que “[...] como tentativa de defesa contra um forte impulso homossexual indevido, ele (o ciúme delirante) pode, no homem, ser descrito pela fórmula: Eu não o amo; é ela que o ama!”. ^(12: 273)

No caso de um paciente que apresenta o ciúme delirante, Freud ⁽¹²⁾ alerta que podem ser encontrados todos os três níveis de ciúmes descritos. O ciúme delirante nunca aparece sozinho e destaca que os três graus (ou camadas) de ciúmes que descreve, diz respeito a um nível quantitativo de ciúmes, isto é, que há uma grande quantidade de investimento destes ciúmentos que determinam a sua patologia (em qualquer grau) ⁽¹²⁾.

1.4. Ciúme Patológico

Para Mallmann ⁽¹⁴⁾, o ciúme é um sentimento que todos conhecem e presenciam nas relações ao seu redor, na clínica e nos romances. O perigo está nos extremos: a ausência de ciúmes aponta um problema e quando sentido de forma intensa pode indicar uma patologia. Nesse sentido, a presença do ciúme, em doses moderadas nos relacionamentos, pode ser interpretada como uma manifestação de afeto entre duas pessoas fortalecendo a relação: “Eu amo e não quero perder o amado”; e, por outro lado: “Sou querido, e o outro me valoriza, não

⁵ O recalque é tomado por Freud como um mecanismo de defesa estrutural comum em todos os sujeitos. No decorrer de sua obra, especificamente em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926) ⁽¹⁵⁾, o uso do termo recalque (traduzido de forma incorreta em português por repressão) é reservado ao mecanismo particular de separação entre idéia e afeto, encontrados na estrutura neurótica.

quer me perder”. Já o ciúme quando manifestado de forma patológica, tem relação com conflitos não resolvidos na fase edípica. Sendo assim, o ciúme normal se torna patológico, quando acontece uma fixação nos conflitos edípicos não resolvidos.

A postulação de Freud ⁽¹²⁾ que denota os níveis quantitativos do ciúme permite também pensar a questão do limite entre o normal e o patológico. No ciúme patológico são experimentadas emoções como: a ansiedade, depressão, raiva, vergonha, insegurança, humilhação, perplexidade, culpa, aumento do desejo sexual e desejo de retaliação.

O portador do ciúme patológico é um vulcão emocional sempre prestes à erupção e apresenta um modo distorcido de vivenciar o amor, pois, para esta pessoa, o quadro que está sendo manifestado é uma contingência obrigatória do sentimento amoroso e, portanto, não passível de crítica. Esse paciente com ciúme patológico seria extremamente sensível, vulnerável e muito desconfiado, geralmente portador de autoestima muito rebaixada, tendo como defesa um comportamento impulsivo. Ainda que o ciúme seja valorizado pelas pessoas como uma forma de demonstrar apreço pela outra pessoa, de fato, para muitos casais, ele vem a ser um grande problema. E pode prejudicar seriamente a relação em questão. ^(16: 87)

Para Cavalcante (1997 *apud* ALMEIDA et al. 2008) ⁽¹⁶⁾, o que se manifesta no ciúme do tipo patológico, é um grande desejo de controle sobre os sentimentos e comportamentos do companheiro. Dessa forma existem preocupações excessivas sobre relacionamentos passados do companheiro, que podem ocorrer na forma de pensamentos repetitivos, imagens invasivas e pensamentos sem fim sobre fatos que aconteceram no passado e seus detalhes. Esses sentimentos se manifestam com um medo irracional de perder o companheiro para uma terceira pessoa (atual, ex-companheiros, ou mesmo, rivais imaginários), desconfiança excessiva e infundada, o que provoca prejuízos nos relacionamentos.

Nesse sentido, pode-se pensar que o ciúme patológico corresponde a uma preocupação absurda do contexto. Enquanto no ciúme não-patológico (normal), o maior desejo é preservar o relacionamento, de uma situação real, no ciúme patológico (delirante) haveria o desejo inconsciente da ameaça de uma terceira pessoa na relação ⁽¹⁶⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, buscou-se uma reflexão sobre o ciúme dentro da teoria psicanalítica freudiana, tendo como inspiração o ciúme nos relacionamentos amorosos, uma vez que no amor busca-se o desejo de completude, de fazer dois indivíduos tornar-se um, podendo surgir, com isso, conflitos e sentimentos de ciúmes. O ciúme deixa de ser normal e torna-se patológico, quando passa a trazer prejuízos na vida do sujeito, podendo resultar em termos de relacionamentos e agressões físicas.

Em certa medida, pode-se pensar que os sujeitos apresentam um ou até mesmo os três graus de ciúmes descritos por Freud ⁽¹²⁾, existindo uma dose de ciúme normal, uma vez que os sujeitos podem apresentar depreciação por si mesmo, amor pelo cônjuge e um ódio pelos que considera como rival. No ciúme do tipo projetivo, o sujeito projeta no cônjuge suas fantasias de traição e por fim, no ciúme do tipo delirante pode ser compreendido como uma defesa contra uma homossexualidade reprimida.

A partir das considerações levantadas no artigo, conclui-se que na psicanálise existem indícios que podem oferecer sustentação teórica para a manifestação do ciúme no cotidiano dos sujeitos levando-se em consideração as primeiras experiências infantis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Canezin PFM, Almeida TD. O ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. Pensando família [periódicos na internet]. 2015. [acesso em 18 set. 2020]; 19(1): 142-155. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100012&lng=pt&nrm=iso.
2. Freud S. (1914). Sobre o narcisismo: uma Introdução. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
3. Freud S. (1912). Tipos de desencadeamento da neurose. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
4. Freud S. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
5. Kuss ASS. Amor, desejo e Psicanálise. Curitiba (PR): Juruá; 2015.
6. Sófocles. Édipo rei (427 a.c). Porto Alegre (RS): L&M; 1998.
7. Freud S. (1897). Rascunho N. In: Freud S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
8. Freud S. (1924). A Dissolução Do Complexo De Édipo. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

9. Freud S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
10. Freud S. (1923). A Organização Genital Infantil (Uma interpolação na teoria da sexualidade). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
11. Freud S. (1895). Rascunho H. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
12. Freud S. (1922). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
13. Shakespeare W. Otelo (1616). Porto Alegre (RS): L&M; 2001.
14. Mallmann CJ. Ciúmes: do normal ao patológico. Estudos de Psicanálise [periódicos na internet]. 2015. [acesso em 03 mar. 2020]; (43): 43–50. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n43/n43a04.pdf>.
15. Freud S. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
16. Almeida TD, Rodrigues KRB, Silva AAD. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. Estudos Psicologia [periódicos na internet]. 2008 abril [acesso em 11 mar. 2020]; 13(1): 83-90. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/10.pdf>